

A POESIA INTEMPORAL DE JOSÉ ALBANO

Nertan Macedo

Ninguém assistiu ao formidável enterro da última quimera gerada pela imaginação inquietante de Augusto dos Anjos. Sua poesia de vocabulário científico e fúnebre lirismo continua viva até hoje na boca do povo. Linguagem e temática complicadas não diminuíram a popularidade do magro e desventurado paraibano, repetido de cor e salteado por gente culta ou mobralizada de Norte a Sul deste país.

Outro caso singularíssimo na história da poesia brasileira é o do cearense José d'Abreu Albano, contemporâneo de Augusto dos Anjos, desventurado como ele, até hoje celebrado pelos eruditos embora não tivesse conhecido a ressonância popular do autor de **Eu**.

Manoel Bandeira prefaciou as composições esparsas de Albano, reunidas numa antologia há muito esgotada, e foi um grande entusiasta do bardo cearense. Tristão da Cunha chegou a dizer que Albano representava, por si só, uma escola, ou pouco menos. Agripino Grieco, Américo Facó, Tristão de Athayde, consideravam seus sonetos uma incomparável realização de poesia pura, dos mais belos jamais escritos em língua portuguesa.

José Albano nasceu a 12 de abril de 1882, de uma rica e aristocrática família do Ceará. Conta-se em Fortaleza que à porta da bela mansão familiar do poeta havia uma placa com esta inscrição pomposa: NÓS, OS ALBANOS. Os Barões de Aratanha eram seus avós paternos. Em 1892 ele ingressou no Seminário Episcopal de Fortaleza. No ano seguinte foi cursar o Stonyhurst College dos Padres Jesuítas em Blackburn, Inglaterra. Um ano mais tarde transfere-se para o Stella Matu-

tina, em Feldkirch, Austria. Três anos depois já vamos encontrá-lo na França, em Dreux, no Colégio dos Irmãos da Doutrina Cristã. Volta ao Ceará para fazer os preparatórios no Liceu do Estado mas já é um autêntico desenraizado. Tenta Direito no Rio. Volta novamente a Fortaleza e vai ensinar Latim. Outra vez no Rio, convidado pelo Barão do Rio Branco, vai trabalhar em seu gabinete. Designado funcionário do Consulado Brasileiro em Londres, transfere-se para a Inglaterra, mas não se fixa em nada. Larga o emprego e perambula por Portugal, Espanha, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Hungria, Suíça, Itália, Rumênia, Grécia, Turquia, Palestina e Egito. Decide fixar residência na Terra Santa. Mas tem de voltar ao Ceará, doente. Novamente na Europa consegue editar suas poesias: **Rimas, Redondilhas, Alegoria, Comédia Angélica** etc. No Rio, convive com Bilac, João Ribeiro, Alberto de Oliveira e outros freqüentadores da Livraria Garnier. Sempre inquieto e excêntrico produz sonetos em várias línguas. Em francês soa como Verlaine. Segue definitivamente para a Europa em 1918. Reside em Páris e morre a 11 de julho de 1923, no Hospital de Montauban em cujo cemitério foi sepultado. Seus ossos se perderam para sempre, nunca reclamados. Nenhum escritor cearense ousou uma biografia de Albano, mas Manoel Bandeira traçou-lhe um breve e inesquecível retrato na introdução de **Rimas**, e Braga Montenegro fez sobre ele um esplêndido ensaio para a antologia da Livraria Agir, onde diz: — **José Albano será talvez o poeta menos conhecido da literatura brasileira, o que constitui certamente uma grande injustiça a quem, como ele, realizou obra tão bela, de superior categoria artística.**

Tristão da Cunha comparou-o a um clássico português, um Camões redivivo, preso de um lado à Renascença e de outro à idade Média. O outro Tristão, o de Athayde, viu-o como gênio, criando uma poesia intemporal, inespacial, realmente eterna em sua pureza inatingível.

Quando a tristeza me nasceu no corpo
Cuidei que um dia terminava em paz
Na densa espera fui no entanto morto
Que a espera só na morte se compraz

E enquanto as horas se multiplicavam
Cheias de mal, estranhas, silenciosas
As dores no meu peito devoravam
Lembranças de mulheres, lentas rosas.

Assim tentado a ver o que não via
E a sentir o que todos procuravam
Cuidei que a paz enfim me chegaria
Pelo caminho fácil da loucura.
E estive a suspirar, e suspiravam
A vida e a morte em mim, numa douçura.

Sim, meus amigos, é lúcida, trágica, inquietante, a poesia
de José Albano, irmão de Camões, nascido séculos depois no
meu Ceará, jardim de tantas e estranhas plantas.